

Luiz Gama e Leandro Gomes de Barros em Perspectiva Dialógica

Francisco Cláudio Alves Marques¹

Gustavo Henrique Alves de Lima²

RESUMO

Neste artigo pretendemos investigar as possíveis relações dialógicas intertextuais que os poemas satíricos de Luiz Gama (1830-1882) e Leandro Gomes de Barros (1865-1918) estabelecem entre si bem como com a tradição oral e escrita da sátira, na qual os textos de ambos se inscrevem. Devem ser levadas também em consideração as relações dialógicas polifônicas – ou embates de vozes – que os textos destes poetas estabelecem com os discursos instituidores de “verdades” sobre as sociedades das quais fazem parte. Neste segundo tópico pretendemos investigar, em alguns poemas selecionados, como cada poeta respondeu às demandas de seu tempo, sobretudo políticas e sociais, que lhes foram apresentadas.

Palavras-Chave: Leandro Gomes de Barros. Luiz Gama. Sátira.

Luiz Gama and Leandro Gomes de Barros in Dialogical Perspective

ABSTRACT

In this article we intend to investigate the possible intertextual dialogical relations that the satirical poems of Luiz Gama (1830-1882) and Leandro Gomes de Barros (1865-1918) establish with each other as well as with the oral and written tradition of satire, in which the texts of both are inscribed. The polyphonic dialogical relationships - or clashes of voices - that these poets' texts establish with the discourses that institute “truths” about the societies of which they are part must also be taken into account. In this second topic we intend to investigate, in some selected poems, how each poet responded to the demands of his time, especially political and social, that were presented to them.

Keywords: Leandro Gomes de Barros. Luiz Gama. Satire.

1 Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH/USP. Professor Assistente Doutor no Departamento de Letras Modernas – UNESP/Assis. Email: fransclau@gmail.com

2 Graduando em Letras – UNESP/Assis. Este artigo é parte integrante da minha pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Email: gustavohal14@gmail.com

Luiz Gama y Leandro Gomes de Barros en Perspectiva Dialógica

RESUMEN

En este artículo pretendemos investigar las posibles relaciones dialógicas intertextuales que los poemas satíricos de Luiz Gama (1830-1882) y Leandro Gomes de Barros (1865-1918) se establecen entre sí así como con la tradición oral y escrita de la sátira, a la cual los textos de ambos se inscriben. Se deben tomar también en consideración las relaciones dialógicas polifónicas – o embates de voces – que los textos de estos poetas establecen con los discursos institucionalizados sobre las sociedades de las cuales forman parte. En este segundo tema pretendemos investigar, en algunos poemas seleccionados, cómo cada poeta respondió a las demandas de su tiempo, sobre todo políticas y sociales, que les fueron presentadas.

Palabras clave: Leandro Gomes de Barros. Luiz Gama. Sátira.

Introdução

Atualmente muito se tem debatido sobre a “originalidade” dos artefatos produzidos pelos poetas populares, principalmente quando se trata da poesia popular dos cordelistas nordestinos. O fato é que neste contexto em particular o conceito de “originalidade” é complexo, haja vista que tais poetas são herdeiros e perpetuadores de uma tradição fundada não na figura daquele que escreve, mas daquele que vai à praça e empresta sua voz e corpo para a difusão dos textos escritos, assumindo, dessa maneira, o estatuto de autor por meio da récita e da performance. No mais, toda essa poesia popular do Nordeste brasileiro herda procedimentos e traços daquele fazer poético medieval que procurava vulgarizar, “*mettre en roman*”, textos originalmente escritos em latim e colocá-los ao alcance do leitor/ouvinte. Diante dessas breves considerações, neste artigo pretendemos investigar as possíveis relações dialógicas intertextuais, numa perspectiva comparatista, que os poemas satíricos de Luiz Gama (1830-1882) e Leandro Gomes de Barros (1865-1918) estabelecem entre si bem como com a tradição oral e escrita da sátira, na qual os textos de ambos se inscrevem. A ideia é também demonstrar que a poesia de cordel, embora às vezes se inspire em fontes eruditas, ou retome temas e trechos inteiros de outros textos já existentes, continua mantendo-se original no sentido de que o poeta popular não só adapta

para a linguagem do folheto a história “imitada”, mas a recria e a adapta à realidade de sua comunidade, emulando o texto anterior.

A sátira de Luiz Gama

Nascido em Salvador (Bahia), no dia 20 agosto de 1830, Luiz Gama era filho de uma africana livre, de nome Luiza Mahin, e, segundo informações constantes em carta endereçada a Lúcio de Mendonça, em 25 de julho de 1880, Gama (apud SCHWARZ, 1989, p. 138-141) relata que serviu a vários senhores, fugiu, assentou praça, esteve preso por responder a um oficial que o havia insultado, foi escrivão, jornalista, amanuense demitido “a bem do serviço público” por participar do Partido Liberal, e ainda por travar um combate, na imprensa e nas urnas, pela aceitação de suas ideias; e, sobretudo, por promover processos em favor de pessoas escravizadas e auxiliar, legalmente, alforrias de escravos, porque detestava o cativo e todos os senhores, principalmente os reis, conforme declara na referida carta a Lúcio de Mendonça:

Em 1856, depois de haver servido como escrivão perante diversas autoridades policiais, fui nomeado amanuense da Secretaria de Polícia, onde servi até 1868, época em que “por turbulento e sedicioso” fui demitido a “bem do serviço público”, pelos conservadores, que então haviam subido ao poder. A portaria de demissão foi lavrada pelo dr. Antônio Manuel dos Reis, meu particular amigo, então secretário de polícia, e assinada pelo exmo. dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, que, por este e outros atos semelhantes, foi nomeado desembargador da relação da Corte. *A turbulência consistia em fazer parte do Partido Liberal; e, pela imprensa e pelas urnas, pugnar pela vitória de minhas e suas ideias; e promover processos em favor de pessoas livres criminosamente escravizadas; e auxiliar licitamente, na medida de meus esforços, alforrias de escravos, porque detesto o cativo e todos os senhores, principalmente os Reis.* Desde que fiz-me soldado, comecei a ser homem; porque até os 10 anos fui criança; dos 10 aos 18, fui soldado. Fiz versos; escrevi para muitos jornais; colaborei em outros literários e políticos. E redigi alguns. Agora chego ao período em que, meu caro Lúcio, nos encontramos no “Ipiranga” à rua do Carmo, tu, como tipógrafo, poeta, tradutor e folhetinista principiante; eu, como simples aprendiz-compositor, de onde saí para o foro e para a tribuna,

onde ganho o pão para mim e para os meus, que são todos os pobres, todos os infelizes; e para os míseros escravos, que, em número superior a 500, tenho arrancado às garras do crime. (GAMA apud SCHWARZ, 1989, p. 141, grifos nossos).

Segundo Roberto de Oliveira Brandão (1991, p. 5-6), Gama sentiu na própria carne a experiência da condição escrava e conhecendo não só as opiniões daqueles que, na época, defendiam a abolição, e as leis que foram promulgadas nesse sentido, mas, sobretudo, a resistência que essas leis encontravam nos senhores de escravos, e os artifícios por meio dos quais eram constantemente burladas, o poeta negro se destacou por defender, no plano prático, seus irmãos de cor e, no plano emocional e poético, por manifestar uma consciência aguda dos valores negros, e ainda por denunciar e satirizar, às vezes sarcasticamente, as mazelas dos brancos e as arbitrariedades cometidas por magistrados, políticos e bacharéis.

Em sua única obra publicada, *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (1859, 1861), Luiz Gama não só revela sua própria origem como defende vivamente sua negritude, e os valores a ela inerentes, recorrendo, contudo, ao modelo poético tradicional: invocação da musa inspiradora, a alusão à origem musical da poesia, sua função glorificadora, o desejo de superar os poetas do passado, a referência às figuras mitológicas como Orfeu, Tritão, Cupido, ou aos poetas consagrados como Ariosto, Lamartine e Camões. Mas, apesar de recorrer ao modelo tradicional, Gama elabora uma poesia que exalta os elementos da cultura negra, embora o faça por um viés paródico, como nestes versos do poema “Lá vai verso”:

[...]
Estátua de granito denegrido,
Ante quem o Leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço *d’urucungo*,
Ensina-me a brandir tua *marimba*,
Inspira-me a ciência da *candimba*,
As vias me conduz d’alta grandeza.
[...]
Quero que o mundo me encarando veja,
Um retumbante Orfeu de carapinha,
Que a Lira desprezando, por mesquinha,
Ao som decanta da Marimba augusta;

E, qual Arion entre os Delfins,
Os ávidos piratas embaindo –
As ferrenhas palhetas vai brandindo
Com estilo que preza a Líbia adusta. (GAMA, 2000,
p. 10-11)

Uma leitura mais atenta da poesia desse poeta que se autodenomina “Orfeu de carapinha” nos leva a inferir que o recurso aos procedimentos da poesia clássica não significa uma mera apropriação passiva do modelo, pois chama nossa atenção, aqui, a profunda distância irônica em relação aos usos tradicionais desse tipo de artifício. E é justamente pelo uso dessas poéticas e no uso dessas poéticas, retomadas intencionalmente para advogar em favor da causa abolicionista, que Gama se coloca como negro.

Brandão (1988, p. 3) observa que os materiais e os agentes da poesia negra de Gama são moldados a partir dos modelos invertidos da poesia do universo branco. Desse modo, se a musa é da Guiné, o poeta se autodenomina “Orfeu de carapinha”; se a poesia tradicional emprega a linguagem “sublime”, grega ou romana, a de Gama utiliza o estilo “que presa a Líbia adusta”; enquanto a épica canta os feitos de consagrados heróis, modelos de perfeição a serem imitados, a épica satírica de Gama traça um esboço caricaturesco da sociedade branca e monárquica, nos seguintes termos:

Com sabença profusa irei cantando
Altos feitos da gente *luminosa*,
Que a trapaça movendo potentosa
A mente assombra, e pasma à natureza!
Espertos eleitores de *encomenda*,
Deputados, Ministros, Senadores,
Galfarros Diplomatas – chuchadores,
De quem reza a cartilha de esperteza.

Caducas Tartarugas – desfrutáveis,
Valharrões tabaquentes – sem juízo,
Irrisórias- fidalgas – de *improviso*,
Finórios traficantes – *patriotas*;
Espertos maganões, de *mão ligeira*,
Emproados juizes de *trapaça*,
E outros que de honrados têm *fumaça*,
Mas que são refinados agiotas. (GAMA, 2000, p.
12, grifos do autor).

A poesia de Luiz Gama projeta a imagem do mundo e da sociedade em que vive e com a qual interage, mas trata-se de uma projeção com intenção claramente satírica fundada na tópica do mundo às avessas:

Tudo que sua pena toca transforma-se em caricatura do mundo oficial [...]. Os registros comuns das coisas são substituídos por suas versões populares, saturadas de adjetivos que depreciam seu sentido ou se repetem em descrições que as deformam, física e moralmente. (BRANDÃO, 1988, p. 3).

Operando dessa maneira, a sátira de Gama emprega “bestunto”, “cachola”, por cabeça; “batata” por nariz; “vítrea cangalha” por óculos; “canudinho” por flauta etc. Em sua poesia os tipos humanos aparecem como pedantes, espertos, ambiciosos, trapaceiros, enganadores, sempre tentando manter as aparências, iludir e falsear.

Lígia Ferreira (apud GAMA, 2000, p. XLIV) observa que, apesar de reduzida, a produção poética de Gama apresenta-se variada do ponto de vista do gênero – sátira política e de costumes, paródias herói-cômicas, bestialógico, poemas líricos – e temas – corrupção política, hipocrisia dos mulatos, preconceito racial, anticlericalismo, caricatura de tipos sociais etc. Suas sátiras, ao invés de exaltarem as figuras de “heróis” nacionais, como fazia a literatura canônica, acabam denunciando a péssima conduta moral de políticos, magistrados e clérigos encrustados no poder, e, sobretudo, “o regime monárquico, fonte de muitos vícios e mazelas que assolavam o país” (FERREIRA apud GAMA, 2000, p. XLVIII), algo semelhante ao que ocorre à poesia satírica praticada pelo poeta Leandro Gomes de Barros no contexto da Primeira República.

Leandro Gomes de Barros: histrião indignado

O poeta Leandro Gomes de Barros deu início de forma pioneira à produção sistemática de folhetos de cordel no Nordeste brasileiro. Leandro e muitos outros poetas do seu tempo “eram homens de variada leitura, inclusive leitores assíduos de mais de um jornal” (TERRA, 1983, p. 39) de modo que costumavam verter para a linguagem do folheto notícias, pejejas, romances históricos e de aventuras, histórias de luta e de encantamento, muitas adaptadas do romanceiro popular ibérico. Segundo a biografia mais recente do poeta, de autoria do poeta cearense Arievaldo Viana (2014, p. 120),

Na obra de Leandro é possível entrever algumas de suas leituras: o *Livro de Carlos Magno e os doze pares de França*, *A Donzela Teodora*, *O mártir do Gólgota*, a *Bíblia Sagrada*, os *Contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel [...], nos romances de José de Alencar e muitos outros. [...] Leandro era compadre e amigo de Chagas Batista, poeta, livreiro e editor na capital da Paraíba [...] e que, sendo um homem de letras, ao hospedar-se na casa deste por dias e dias, [...] uma de suas atividades prediletas era ler jornais, livros e revistas ali disponíveis.

Embora algumas fontes escritas da poesia de Leandro tenham sido apontadas como sempre as mesmas – as matrizes nacionais e portuguesas citadas acima –, o fato é que seus textos satíricos parecem dialogar, pelo menos no que se refere ao aspecto temático, com alguns autores satíricos de sua época ou do período imediatamente anterior à sua escrita, dentre os quais, Luiz Gama. A primeira edição das *Primeiras trovas* de Gama se deu em 1859, no total de 200 exemplares que ficaram restritos ao público de São Paulo; a segunda edição, de 1861, bem mais cuidada e confeccionada por editores do Rio de Janeiro, e com um número bem maior de exemplares, pode ter atingido um público mais amplo e é possível que Leandro tenha tido acesso a essa segunda edição das *Primeiras trovas* na propriedade do poeta e livreiro Francisco das Chagas Batista, amigo que tinha lhe proporcionado leitura de jornais, revistas e obras literárias da época.

Leandro era monarquista confesso, como podemos ver nesta estrofe do folheto *As misérias da época*, sem data, em que ele lamenta a queda da Monarquia e critica a cobrança excessiva de impostos durante a Primeira República:

Se eu soubesse que este mundo
Estava tão corrompido
Eu tinha feito uma greve
Porém não tinha nascido
Minha mãe não me dizia
A queda da monarquia
Eu nasci foi enganado
Para viver n'este mundo
Além de tudo selado (BARROS, s. d., p. 1);

antirrepublicano por convicção, como em *Um pau com formigas* (1912),

Chamam este século das luzes
Eu chamo o século das brigas
A época das ambições
O planeta das intrigas
Muitos cachorros num osso
Um pau com muitas formigas.

Então depois da república
Tudo nos causa terror
Cacete não faz estudo
Mas tem carta de doutor
A cartucheira é a lei
O rifle governador (BARROS, 1912, p. 1);

e em *A palmatória e o punhal*, de 1918,

Desde que entrou a República
Que o nosso país vai mal,
Pois o lençol da miséria
Cobriu o mundo em geral
Deixando a mão entregue
À palmatória e ao punhal (BARROS, 1918, p. 1);

antimilitarista em *O sorteio militar*, de 1906, contra o alistamento militar,

Alerta! Rapaziada!
O tempo não está de graça
Moço, velho, e coxo
Tudo agora assenta praça,
Bispo, e vigário colado
Vai tudo ao pau de fumaça.

Para que fazer soldado
De velho, cego, e menino?
Está sem sal este mercado
Rói a porca e quebra o pino?
Vamos ver se alistarão
Um como Antônio Silvino (BARROS, 1906, p. 10);

e anticlerical em *As órfãs do Colégio Jaqueira* do Recife, de 1912,

A igreja já se sabe
É o divino balcão
O papa é o trapicheiro
O bispo é um vendelhão

Os padres são os cacheiros
Mas não vendem à prestação. (BARROS, 1912,
p. 5)

Não raro, Leandro empregou em seus folhetos a tópica medieval do mundo às avessas para criticar o regime republicano, a sociedade e os costumes. Em *As cousas mudadas*, o poeta recorre à mesma tópica para elaborar uma crítica cortante à modernidade anunciada pelos idealizadores da República e às mulheres que aderem à moda:

Há muito tempo que eu digo
O mundo está às avessas,
O povo incrédulo e descrente,
Me diz você, já começa
Isto é sede de agouro
Ou fome de uma conversa.

Agora é que eles estão vendo
Que a cousa está em começo
Tanto que muitos já disseram
Está tudo pelo o avesso
E inda está em princípio
Ainda vai pelo um terço.

Hoje se vê uma moça,
Ninguém sabe si é rapaz
Anda com calça e chapéu,
Pouca diferença faz,
Vê-se até calças de velhos
Com braguilhas para traz. (BARROS, s. d., , p. 1)

Em *As saias-calções*, ridiculariza a moda francesa que desfilava nas ruas de Recife, principalmente a saia *jupe-culotte*, muito anunciada nas revistas e almanaques da época, e que, pelo seu inusitado talhe, é comparada à pamonha:

O mundo está às avessas,
As coisas não vão de graça,
Homem raspando bigode,
E mulher vestindo calça,
Isso é um pau com formiga,
Um banheiro com fumaça.
[...]

As mulheres que só vivem
A sondar a invenção,
Acharam que estavam bem
Inventando cinturão,
Com pouco mais elas andam
Com cartucheira e facão.

Além da tal pulseira
Com que vivem algemadas,
Chegaram as saias pamonhas
Com essas vivem apeadas,
Agora as saias calções
Chegaram mesmo danadas. (BARROS, 1911, p.
1-2)

Para além destes exemplos, permanece o fato de que Leandro, tomando a palavra à boca dos tipos populares nordestinos, tornados seus personagens, ou atribuindo-lhes a palavra, elabora seu discurso não oficial sobre o mundo em que vive, sobre o nordestino e sobre o regime republicano. Em suas sátiras, dramatiza discursos sobre questões que estão na ordem do dia, lançando em cena homens e mulheres comuns que confabulam, criticam a política fiscal do governo, zombam dos políticos em seus gabinetes, dos falsos doutores, contrariando, de certa forma, a ideia de que o povo brasileiro teria permanecido silente frente à “eloquência” dos poderosos, nos primórdios da República. Na verdade, observa Francisco C. A. Marques (2014, p. 292), “em Leandro, tipos populares, como carregadores, fateiras, padeiros, estrangeiros pobres radicados em Recife, são tomados como máscaras [...] cômico-grotescas para expressar a revolta e a insatisfação daqueles que só tinham voz [...] no dia das eleições”.

Luiz Gama e Leandro Gomes de Barros em Perspectiva Dialógica

Se fizermos uma leitura comparada entre alguns poemas satíricos de Luiz Gama, reunidos em *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (1859, 1861), e os poemas satíricos do poeta de cordel Leandro Gomes de Barros, produzidos até 1918, verificamos que uma série de questões que incomodavam o poeta negro, na época do Império, como o bacharelismo, a corrupção de políticos e magistrados, a ineficiência da medicina em lidar com as mazelas do povo, a imitação de modelos europeus

de sociabilidades, a indiferença dos governantes para com as questões sociais etc., serviu também como ponto de partida para que Leandro produzisse versos igualmente satíricos denunciadores da caótica situação vivida pelos nordestinos no período republicano.

Ambos os poetas utilizam a sátira como ferramenta para criticar e denunciar as arbitrariedades de seu tempo e advogar causas muito semelhantes. O primeiro advoga literalmente em favor do negro e da causa abolicionista, rebatendo, por meio da ironia, o pensamento reinante entre as elites fundado nas teorias raciais da época: “Ciências e Letras/ Não são para ti/Pretinho da Costa/Não é gente aqui” (GAMA, 2000, p. 32), enquanto o segundo “advoga”, também por meio da sátira, em favor do nordestino pobre vivendo às margens do ideal cosmopolita republicano, vítima da cobrança excessiva de impostos e das pragas agrícolas, como no folheto *O governo e lagarta contra o fumo*

Faz pena o clamor do povo
Nesses encostos de mata,
Lutando com duas pestes
Que não há quem as rebata;
A primeira é o Governo,
A segunda é a lagarta.

A lagarta porque põe
A lavoura toda em pó
Essa corre do feijão
Desde a raiz ao cipó
Antes lagarta dez vezes
Do que fiscal uma só. (BARROS, s. d., p. 1)

Nos casos que ilustramos acima, o aspecto comum da questão gera relações dialógicas, na acepção de Bakhtin (2003, p. 331):

Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista etc.).

Tudo indica que o diálogo que se estabelece entre Luiz Gama e Leandro Gomes de Barros transcende o fato de ambos terem sido homens descontentes com as arbitrariedades de seu tempo, pois, ao folhearmos alguns folhetos satíricos de Leandro percebemos que o poe-

ta chega praticamente a citar versos e até estrofes de Gama, inclusive quando tais versos tratam de temas recorrentes na poesia de ambos. Embora a poesia de Gama seja confessadamente abolicionista e antimonarquista, e a de Leandro antirrepublicana e produzida no contexto das cantorias e cordéis, em que nem sempre o negro e suas crenças gozaram de representações favoráveis, permanece o fato de que ambos os poetas empunharam a palavra aguda e arguta como ferramenta denunciadora dos pontos falsos e da hipocrisia por trás das pretensas “verdades” oficiais instituídas pelos homens no poder.

A leitura comparada entre os dois poetas revela não só coincidências temáticas, mas também mecanismos intertextuais que se materializam, poucos anos depois, nos versos do poeta paraibano. Segundo Barthes (apud FIORIN, 2006, p.164) “Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”. Se levarmos em consideração esta noção de intertextualidade de Barthes, somada àquela elaborada por José Luiz Fiorin (2006, p. 181), segundo a qual o “termo intertextualidade fica reservado para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos” é possível admitir, com algumas reservas, que uma relação dialógica intertextual se estabelece entre ambos os poetas. No entanto, no mesmo artigo Fiorin (2006, p. 181-182) adverte que “nem todas as relações dialógicas mostradas no texto devem ser consideradas intertextuais”, observando que podem ser consideradas intertextuais apenas as relações dialógicas “entre textos”, algo que ocorre apenas “quando um texto se relaciona dialogicamente com outro texto já constituído.”

O poema “Quem sou eu?”, popularmente conhecido como “A bodarrada”, é característico da forma com que Luiz Gama enfrentava as humilhações que o negro costumava sofrer na sociedade escravagista em que vivia. Na época, um dos preconceitos racistas mais difundidos dizia respeito ao suposto odor dos negros, por isso, uma das zombarias mais comuns era chamá-los de “bodes”. No entanto, ao invés de responder aos insultos no mesmo nível, Gama prefere responder a tais insultos por meio da poesia satírica, nivelando todos nos seguintes termos: “todo mundo tem a mesma catinga”, [...] “Bodes há de toda a casta,/ Pois que a espécie é muito vasta.../ Há cinzentos, há rajados,/ Baios, pampas e malhados,/ Bodes negros, bodes brancos,/ E, sejamos todos francos,/ Uns plebeus, e outros nobres,/ Bodes ricos, bodes pobres,/ Bodes sábios, importantes,/ E também alguns tratantes...”. (GAMA, 2000, p. 115) Ma-

gistrados, comerciantes e clérigos da era imperial não escapam à sátira cortante de Gama (2000, p. 115):

Não tolero o magistrado,
Que do brio descuidado,
Vende a lei, trai a justiça
– Faz a todos injustiça –
Com rigor deprime o pobre,
Presta abrigo ao rico, ao nobre,
E só acha horrendo crime
No mendigo, que deprime.
[...]
Fujo às léguas do lojista,
Do beato e do sacrista –
Crocodilos disfarçados,
Que se fazem muito honrados,
Mas que, tendo ocasião,
São mais feros que o Leão.

Segundo Isabel Lustosa (2004, p. 267), o poema “A bodarrada” trabalha com a relativização do gênero humano, pois, de acordo com Gama, “se marram todos, tudo berra”, não há por que diferenciar entre cores e categorias sociais. Assim, na poesia de Gama, figuram como “bodes”

Nobres Condes e Duquesas,
Ricas Damas e Marquesas
Deputados, senadores,
Gentis-homens, veadores;
Belas Damas emproadas,
De nobreza empantufadas;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeais,
Fanfarrões imperiais,
Gentes pobres, nobres gentes
Em todos há meus parentes.
Entre a brava militança –
Fulge e brilha alta bodança;
Guardas, Cabos, Furriéis,
Brigadeiros, Coronéis,
Destemidos Marechais,
Rutilantes Generais,
Capitães-de-mar-e-guerra,

– Tudo marra, tudo berra – (GAMA, 2000, p. 117).

Nas estrofes seguintes, do poema “A caganeira”, de Leandro Gomes de Barros, o poeta cita elementos presentes em “A bodarrada”, numa possível relação intertextual com Gama. No entanto, diferentemente de Gama, Leandro recorre ao cômico-fisiológico da literatura carnalizada para nivelar por baixo os mesmos “Frades, Bispos, Cardeais”, “Guardas, Cabos, Furiéis/Brigadeiros, Coronéis” tratados como “bodes” pelo poeta negro:

Caguei vigários, párocos e bispos,
Abades, priores e arcebispos,
Frades, caguei carmelitanos,
Capuchinhos da Penha, franciscanos,
Benedictinos de S. Bento,
De cada um caguei um cento,
Freiras caguei em quantidade,
Recolhidas, irmãs de caridade,
Jesuítas, caguei a bom cagar,
[...]
Duques, marqueses e viscondes.
Barões, comendadores e condes,
Ministros, enviados estrangeiros,
[...]
Da marinha, guardas, aspirantes,
Capitães de fragata, almirantes,
Caguei grumetes, e guardiões,
Chefes de esquadra e divisões (BARROS, s. d., p. 1-4).

As semelhanças entre o poema “O velho namorado”, de Gama, e o poema “O casamento do velho e um desastre na festa”, de Leandro, não são uma mera coincidência. No poema de Gama, um velho de “Janeiros sessenta”, “Mimoso” e “Maganão”, se enamora de uma adolescente, tendo, por isso, recebido uma série interminável de qualificativos depreciativos:

Um velho demente,
Mimoso ratão,
Fiado em Cupido,
Quis ser Maganão.

Janeiros sessenta,
Contava o patola,

Com rugas na cara,
Com ar de façola.
[...]
Se via à janela
Mocinha dengosa;
De lindo semblante
E lábios de rosa:

Então, derretido,
O velho lapuz,
Saltava, gingava,
Qual jovem de truz.

Se a bela formosa,
Por mofa, sorria,
O pobre do punga
Alentos bebia. (GAMA, 2000, p. 24-25).

O velho namorado do poema de Leandro, um homem de “Setenta e cinco janeiros”, chamado Dos Anjos, recebe o mesmo tratamento jocoso:

Setenta e cinco janeiros
Dos Anjos tinha no couro
Foram cinco que mamou
Quatro que levou-os em choro
E dez que vendeu azeite
Para adquirir o ouro.

Georgina que contava
Quatorze anos de idade
Só apaixonava as flores
As nuvens na imensidade
Só desejava brinquedos
E passear sempre à tarde.

O velho tornou-se outro
Já parecia outra coisa
Mandou saber da criança
Se lhe dava a mão de esposa
Ella inda disse; papai
Caça, porém não raposa (BARROS, 1913, p. 4).

Estes dois exemplos nos permitem afirmar, apoiados em Bakhtin (2003, p. 331), que os dois enunciados poéticos estabelecem uma rela-

ção dialógica e intertextual de concordância, no sentido de que ambos os poetas procuram, por meio da sátira, castigar e corrigir os vícios das sociedades nas quais vivem e atuam, apesar de Leandro ter recorrido ao cômico-fisiológico para nivelar todos por baixo, numa manifestação mais indignada para com a situação republicana.

Embora os exemplos anteriores não sejam suficientes para afirmarmos que a sátira de Leandro estabelece uma relação dialógica intertextual direta com a de Gama, permanece o fato de que, entre ambos, estabelece-se uma inegável relação dialógica por conta das semelhanças temáticas e às vezes, até mesmo de ponto de vista. Como fará mais tarde Leandro em muitos de seus poemas satíricos, em "Que mundo é este?" Gama emprega a tópica do mundo às avessas, recorrente na sátira de cunho moralizante, para definir a caótica situação política e social do Império. Aqui também ele denuncia a inversão de valores numa época onde o dinheiro protagoniza todas as relações de poder,

Que mundo? que mundo é este?
Do fundo seio d'est'alma
[...]
Vejo o vício entronizado;
Vejo a virtude caída,
E de coroas cingida
A estátua fria do mal;
Vejo os traidores em chusma
Vendendo as almas impuras,
Remexendo as sepulturas
Por preço d'áureo metal. (GAMA, 2000, p. 128),

vícios que se perpetuam na República de Leandro, como nestes versos de O dinheiro:

O dinheiro neste mundo
Não há força que o debande,
Nem perigo que o enfrente,
Nem senhoria que o mande.
Tudo está abaixo dele
Só ele ali é o grande.

Ele impera sobre um trono
Cercado por ambição,
O chaleirismo a seus pés
Sempre está de prontidão,

Perguntando-lhe com cuidado
- O que lhe falta patrão?

No dinheiro tem se visto
Nobreza desconhecida,
Meios que ganham questão
Ainda estando perdida,
Honra por meio da infâmia,
Glória mal adquirida. (BARROS, 1909, p. 1).

Nos primeiros anos da República surge a poesia de Leandro parecendo compartilhar do mesmo ponto de vista de Gama com relação às mesmas questões, sugerindo que nada tinha mudado no Brasil desde a época do Império, embora muitas vezes o poeta paraibano tenha se referido ao tempo da Monarquia com certo saudosismo. Assim, enquanto Luiz Gama, no poema “Sortimento de gorras”, castiga os bacharéis em medicina da época do Império,

Se o grosseiro alveitar ou charlatão
Entre nós se proclama sabichão;
E, com cartas compradas na Alemanha,
Por anil nos impinge ipecacuanha;
Se mata, por honrar a Medicina,
Mais voraz do que uma ave de rapina;
E num dia, se errando na receita,
Pratica no mortal cura perfeita;
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois tudo no Brasil é raridade! (GAMA, 2000, p.
17-18),

Leandro, à maneira de Gama e Gregório de Matos, que costumavam rotular de asnos os doutores e bacharéis, também imagina situações cômicas para satirizar os bacharéis da República que supostamente compravam o diploma por sessenta mil réis, como no folheto *Doutores de 60*, em que um falso médico é batizado como “doutor bel-droegas”:

Porque a coisa pensada
Parece até um revés,
Criaturas que só faltam
Andarem de quatro pés,
Um desses diz: sou doutor
Graças sessenta mil réis.

Deu-se agora uma questão
Com o dr. berduega,
Quem disse foi o pai dele
Creio que o velho não nega
Um burro passou por ele
Disse: bom dia colega (BARROS, 1913-1914, p.
2-3).

Não é de se admirar que o mesmo modelo empregado por Gama durante o Império, tenha servido para uma representação satírica da sociedade republicana, pois a poesia de Leandro é representativa da instabilidade política e social que se instaura no Brasil e, sobretudo, no Nordeste, após a queda da Monarquia. Na “Introdução” às Primeiras trovas burlescas, Lígia Ferreira (2000, p. L) observa que no poema “Sortimento de gorras para a gente do grande tom” tem-se “o retrato soberano de um Brasil acometido de males congênitos”, utilizando versos do referido poema de Gama para enumerar algumas das mazelas sociais do Império:

A ganância pelo dinheiro e a falta de escrúpulos alimentam o parasitismo de políticos e outros sugadores, “*que se aferram às tetas da Nação/Com mais sanha que o tigre, ou que o Leão*”. A enfermidade social se alastra por toda sociedade, levando o enunciador a denunciar, entre outros, médicos charlatães, advogados e juizes vendidos, militares e “*vadios empregados*” que embolsam polpudos salários “*que ao povo, sem sentir, são arrancados*”. (FERREIRA, 2000, p. L, grifos do autor).

No final, Lígia Ferreira (2000, p. L-LI) levanta uma questão que ajudou a motivar nossa discussão, ao afirmar: “Luiz Gama não teria tempo de comprovar se a República proclamada sete anos após sua morte mudaria as mazelas decorrentes, no seu modo de ver, do regime monárquico, se solucionaria ou não a situação de um país onde, quanto maior a corrupção, maior a impunidade”.

Por um lado, a recém-proclamada República, que por meio dos seus idealizadores prometia significativas transformações sociais e um repúdio à vida rotineira e aos arcaísmos, acaba criando, na prática,

[...] uma cidadania precária, porque calcada na manutenção da iniquidade das estruturas sociais – acentuou as distâncias entre as diversas regiões do país, cobrindo-a com a roupagem do federalismo difuso da “política dos governadores”, ou dando continuidade

de à geografia oligárquica do poder que, desde o Império, diluía o formalismo do Estado e das instituições (SALIBA, 2002, p. 19-20).

Por outro lado, os efeitos catastróficos resultantes das adversidades climáticas, somados à indiferença das autoridades políticas e eclesiásticas para com a região Nordeste, acabam ampliando o quadro de violência e as mazelas sociais que já vinham se agravando nas décadas que antecederam o fim do Império, como nos faz entender o próprio Leandro nos versos de “pé-quebrado” *A Ave-Maria da eleição* em que, falando à margem da historiografia oficial, denuncia a corrupção e a prática do voto coercitivo:

No dia da eleição
O povo todo corria
Gritava a oposição:
Ave Maria.

Via-se grupos de gente
Vendendo votos nas praças
E a urna dos governos,
Cheia de graça.

Uns a outros perguntavam:
O Sr. vota conosco?
Um chaleira respondia:
Este é convosco.

[...]
Os eleitores com medo
Das espadas dos alferes
Chegavam a se esconderem
Entre as mulheres.

Os candidatos chegavam
Com um ameaço bruto
Pois um voto pra eles
É benditos frutos.

O mesário do governo
Pegava a urna contente
E dizia: eu me glorio
Do teu ventre (BARROS, 1907, p. 15-16).

Considerações Finais

Para não nos excedermos com exemplos, finalizamos nossa discussão salientando que, apesar da pressuposição da existência de um diálogo intertextual entre os dois poetas, a produção poética de Leandro, muito mais vasta que a de Gama, encontra-se bem mais arraigada na cultura oral/popular e que, embora Leandro tenha lido alguns autores satíricos de sua época, como Gama, sua sátira reflete muito mais a influência direta da tradição dos violeiros e repentistas, os quais muitas vezes enveredavam pela sátira, e da tradição de poemas orais de autoria desconhecida, igualmente satírica. No entanto, caso Leandro tenha lido Gama ou outro autor satírico, isso não invalida a originalidade de seus escritos, pois, segundo Bakhtin (2003), embora os enunciados sejam produzidos em diálogo com outros, todo enunciado é único, pois ao se reconfigurar em uma nova situação discursiva, envolvendo outro(s) sujeito(s) e novo(s) interlocutor(es), com características sócio-históricas particulares, ele passa a integrar um novo contexto comunicacional, o que faz dele um acontecimento novo. Além do mais, pensando ainda com Bakhtin, a produção e compreensão, tanto do primeiro enunciado quanto do segundo, não se dão de forma desassociada das relações sociais e do contexto histórico e cultural que os suscitaram, o que nos leva a pensar nas relações dialógicas polifônicas que se estabelecem no interior dos textos e fora deles.

Com Bakhtin (apud BARROS, 2003, p. 4) entendemos que nos poemas dos dois autores satíricos os textos aparecem costurados polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se complementam ou respondem umas às outras. Como Leandro e Gama respondem às demandas de seu tempo? Neles, um antimonarquista e o outro antirrepublicano, “as vozes que dialogam e polemizam ‘olham’ de posições sociais e ideológicas diferentes, e o discurso se constrói no cruzamento dos pontos de vista” (BARROS, 2003, p. 5). Através deles, embora da perspectiva satírica, ficamos sabendo da real condição vivida por negros e nordestinos na transição do Império para a República.

A originalidade da poesia de Gama fica patente no distanciamento irônico em relação ao modelo clássico. Como dito no início deste artigo, o “Orfeu de carapinha” nos leva a inferir que a invocação às clássicas musas não significa uma mera apropriação passiva do modelo,

pois é a partir da profunda distância irônica em relação aos usos tradicionais que ele se coloca como negro e alça a voz para advogar pela causa de sua comunidade ainda escravizada no momento em que compõe seus poemas. Quanto à poesia de Leandro, também satírica e fundada na oralidade do universo dos cantadores, a originalidade consiste em “imitar” o modelo do satirista erudito, em alguns casos, e adaptá-lo a real situação vivida pelo povo nordestino nas primeiras décadas da República.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. A poesia de Luiz Gama. In: **Leitura**, n. 10, São Paulo, 1991, p. 5-6.

_____. Poesia satírica de Luiz Gama. **Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo, v. 49, n.1/4, já./dez. de 1988.

FERREIRA, Ligia Fonseca (Org.). **Com a palavra, Luiz Gama**. Poemas, Artigos, Cartas e Máximas. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Introdução. In: GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. XIII-LXXI.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.

GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LUSTOSA, Isabel. Negro Humor: a imagem do negro na tradição cultural brasileira. In: _____. **As trapaças da sorte**. Ensaios de história política e de história cultural. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004, p. 267-289.

MARQUES, Francisco C. Alves. **Um pau com formigas ou o mundo às avessas**: a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2014.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira – da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARZ, Roberto. Autobiografia de Luiz Gama. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 25, outubro de 1989, p. 136-141.

TERRA, Ruth B. L. **Memória de lutas**: A literatura de folhetos do Nordeste, 1893-1930. São Paulo: Global, 1983.

VIANA, Arievaldo. **Leandro Gomes de Barros**. O mestre da Literatura de Cordel. Vida e obra. Fortaleza, CE: Edições Fundação Sintaf; Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2014.

Folhetos de Leandro Gomes de Barros Citados

A Ave-Maria da eleição, Recife: s. n., 1907.

A caganeira. Sem indicação de data, local e editor.

A palmatória e o punhal, 1918, Coleção Mário de Andrade, Fundos Villa-Lobos, IEB/USP (datilografado em folha de almaço)

As cousas mudadas. Recife: Tip. Moderna, s.d.

As misérias da época. Recife, Atelier Miranda, s. d.

As órfãs do Colégio Jaqueira no Recife, Recife: s. n., 1912.

As saias calções, Recife, LGB, 1911.

Doutores de 60. Recife, LGB, 1913-1914.

O casamento do velho e um desastre na festa, Recife: s. n., 1913.

O dinheiro. Recife, LGB, 1909.

O governo e a lagarta contra o fumo. Recife, LGB, s.d.

O sorteio militar, s. l.: s. n., s. d.

Um pau com formigas. Recife, 1912.

Recebido em junho/2017

Aceito em setembro/2017